

O ROMANCE DE MARIA ISABEL BARRENO

João Décio

Maria Isabel Barreno, constitui, ao lado de Almeida Faria (autor de *A Paixão e Rumor Branco*), das mais gratas revelações da ficção nos últimos anos.

Autora de dois romances — *De noite as árvores são negras* e *Os outros legítimos superiores*, já começa a impor-se pelos inegáveis dotes de ficcionista.

Duas direções estão evidentes nos dois romances: a tentativa de reflexão filosófica em torno dos problemas das personagens e posição antiburguesa de crítica, especialmente à educação dada às adolescentes e às mulheres em geral, embora as personagens masculinas não escapem à feroz e irônica análise proposta e levada a cabo por Maria Isabel Barreno.

A posição antiburguesa no romance de Maria Isabel Barreno revela-se especialmente em *Os outros legítimos superiores* e irradia-se para outros campos da crítica social, em particular na ironia em torno dos problemas de ordem cultural.

A mulher de classe média portuguesa, rotineira, sem expressão no contexto social, igualmente merece os maiores reparos na atitude de contestação assumida pela romancista.

Pode-se afirmar, assim, que os livros em questão dividem-se entre a ficção e o ensaio filosófico, já que volta e meia a romancista faz aflorar a sua cultura haurida nos bancos universitários, licenciada em Ciências Históricas e Filosóficas que é.

Constituem os dois romances, *De noite as árvores são negras* e *Os outros legítimos superiores*, obras de contestação à situação de inferioridade psicológica e social em que se encontra a média das mulheres portuguesas a que fazem exceção as poucas mulheres cultas e independentes, portanto

formando minoria, a se crer na “facies” real do romance de Maria Isabel Barreno.

A impressão que nos dão tais obras é de que a romancista quer arrancar das forças da obscuridade, o potencial feminino de Portugal, em especial o de Lisboa. Além de estarmos diante de obras de contestação, trata-se de uma posição de decidida militância e reivindicação, na tentativa de superar todos os tabus e preconceitos que atingem a média das mulheres portuguesas.

Há uma evidente continuidade temática de *As árvores de noite são negras* e *Os outros legítimos superiores*, pois naquele a problemática centra-se no processo educacional da adolescente criada no meio burguês de preconceitos do que vai resultar a mulher objeto do crítica, porque também burguesa e preocupada com as exterioridades da vida, que aparece em *Os outros legítimos superiores*. Os romances giram em torno da mulher e apresentam uma visão indiscutivelmente feminina da vida e de seus valores.

Esta preocupação que Maria Isabel Barreno apresenta, relativamente à educação da menina e da mulher portuguesa, a nosso ver, limita seu romance à discussão de meros problemas locais e de caráter burguês, já abandonado pelos mais expressivos romancistas da atualidade em Portugal.

Toda esta “jeremiada” em torno da menina portuguesa e da mulher, respectivamente em *De noite as árvores são negras* e *Os outros legítimos superiores*, situam-se dentro do processo natural e normal da “libertação da mulher”, mas não são suficientes para erguer um grande romance que pretenda alçar vôo mais alto que o simples circular pela limitada atmosfera burguesa ou pequeno-burguesa de Lisboa. Assim, a militância dos romances de Maria Isabel Barreno constitui o seu elemento mais visível e diminui o seu valor ficcional. Nos momentos, porém, em que a romancista realiza a crítica social com sua fina ironia, aí sim, temos os melhores momentos de sua obra.

Por outro lado, tecnicamente falando, parece-nos que na estrutura narrativa o elemento romanesco acha-se algo desligado das reflexões filosóficas e da atitude crítica de M.I.B. Trata-se de uma falha que, facilmente poderá ser sanada em futuros trabalhos da romancista. Parece ter interessado mais nestes dois romances disreter sobre problemas vários que envolvem a menina e mulher portuguesa do que propriamente criar um forte ambiente romanesco. De certo modo, ela con-

tinua a linha do romance social de Eça de Queirós “*O crime do Padre Amaro, O Primo Basílio*”, se bem que com outras perspectivas. Mas a crítica social, o romance colado à realidade revela-se evidente em *De noite as árvores são negras* e *Os outros legítimos superiores*.

Parece que a maioria das romancistas portuguesas, dentre as quais, Maria Isabel Barreno, Fernanda Botelho e a própria Maria Judite de Carvalho, estão ainda limitadas à uma problemática romanesca (no sentido do tema) já de muito superada pelo romance, por exemplo, de Vergílio Ferreira, ou de Almeida Faria, ou de Augusto Abelaira, ou Fernando Namora, que já estão num esquema que superou a perspectiva burguesa ou pequeno-burguesa. Os romances de M. I. Barreno não inovam muito ou quase nada. Mas, pode ser que estejamos num início de processo de renovação temática e mesmo estrutural. Achamos que deve ela superar a limitação dos seus temas e em segundo lugar aperfeiçoar a sua própria criação literária.

Na sua faceta de crítica social (nem sempre bem imbricada com o elemento romanesco), a atitude de romancista, contra os preconceitos e provincianismos que atingem a mulher de classe média portuguesa, é ferina e certa, o que conscientemente toma uma atitude de estudo da sociedade, lembrando talvez Abel Botelho, nesta consciência de estudo social que deve ser a obra literária:

“Assim, nos jogos as crianças são preparadas para as funções sociais a que as destinam, os machos brincam às guerras e as fêmeas brincam às mães; por outro lado, esta oposição de brincadeiras cria, desde a infância, o antagonismo entre machos e fêmeas, que é uma das bases da sociedade humana que estudamos. Os jogos amorosos, na adolescência e na juventude, são permitidos aos machos, e encorajados como treino para um perfeito desempenho da função sexual; às fêmeas está vedado este tipo de jogos, pois na sociedade humana que estamos foi-lhes retirada a função sexual (o que não deve admirar em todas as sociedades humanas têm sido imposto às fêmeas restrições e limites.”
Os outros legítimos superiores.” (p. 28)

Ou em

“Há três sexos — diz o sábio — nesta sociedade humana que observo. Os machos, as fêmeas puras e as fêmeas impuras. Já atrás referi como os machos novos se treinam na emoção sexual, e como todos os machos tem uma função sexual independente da procriação; as fêmeas impuras servem para esse fim”. (p. 43)

Percebem-se claramente dois aspectos: a atitude consciente de análise social, aqui proposta em torno dos tabus e preconceitos que atingem a mulher portuguesa, impossibilitada das experiências pré-matrimoniais, concedidas abertamente aos homens. Em segundo lugar, ela está “desligada” da ficção: nos trechos que destacamos a autora fala duas vezes em “sociedade humana”; ora o romance como ficção, fala em personagens, em supra-realidade. O ficcional se opera num mundo de supra-realidade, de supra-humanidade. Percebe-se claramente que o romancista associa dois mundos, o do humano e da ficção, o que constitui um defeito de ótica na construção do elemento romanesco; o romance não é a vida mas deve respirar vida.

Enfim, resta a M. I. Barreno operar o domínio da técnica romanesca, inserir naturalmente o elemento ensaístico na ficção, e assim poderá realizar um romance de real atualidade e interesse.